



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Departamento de Educação Intercultural

XII Seminário de Educação - SED
23 a 25 de Outubro em Ji-Paraná-RO

Resistência Originária
Povos indígenas e Paulo Freire

ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: SENTIDOS DE LER E ESCREVER NA ALDEIA DEOLINDA, T. I. PACAAS NOVAS[✓]

Valdeci Crispim MONTEIRO WAJURU ¹
Josélia Gomes NEVES ²

RESUMO

Neste texto discutiremos aspectos parciais do trabalho realizado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia, UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. Um estudo da Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita do Grupo de Pesquisa Educação na Amazônia (GPEA). O Plano de Trabalho teve o objetivo de analisar as experiências de aprender a ler e escrever que acontecem na Escola Indígena Pedro Azzi, situada na Aldeia Deolinda, Terra Indígena Pacaas Novas em Guajará Mirim, Rondônia. Para desenvolver este estudo adotamos a pesquisa bibliográfica, narrativa e documental. Foi possível inferir que as crianças indígenas da Aldeia Deolinda tomam contato inicial com a cultura escrita por meio de atividades veiculadas nas línguas adotadas pela maioria dos falantes da comunidade, a língua Oro Nao e a portuguesa. Concluímos que o uso de temas do contexto local, bem como a comunicação oral e escrita, por meio da língua indígena e portuguesa contribui para dar sentido à atividade alfabetizadora. Por outro lado, persistem atividades de cópias excessivas no processo de aquisição da língua escrita, práticas baseadas nas antigas cartilhas que não favorecem a compreensão da funcionalidade do sistema.

Palavras-chave: Pacaas Novos. Aldeia Deolinda. Povo Indígena Wajuru.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resultou das atividades trabalhadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos, na Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, Campus Urupá de Ji-Paraná. Em relação à

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena.

¹ Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: valdecicrispimm@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

fundamentação teórica fizemos uso de contribuições dos referenciais relacionados ao tema do estudo (NEVES, 2009; MEIRELES, 1991), materiais metodológicos (GODOY, 1995; CUNHA, 1997; GIL, 2008; MIGNOT, 2008) e documentos oficiais (BRASIL, 1998).

2 METODOLOGIA

O Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia foi caracterizado como um trabalho qualitativo, com o entendimento que, “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre [...]”. (GODOY, 1995, p. 21) Foi realizado de setembro de 2018 a janeiro de 2010, na UNIR - Tempo Universidade e na Aldeia Deolinda no Tempo Comunidade.

Além da pesquisa bibliográfica, adotamos a pesquisa narrativa por possibilitar o trabalho a partir dos saberes do bolsista do PIBID Indígena mediante a história de sua alfabetização, significando um meio de: “[...] integrar investigação e formação no mesmo processo que se caracteriza, [...] pela intencionalidade de realizar uma reconfiguração de saberes, [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191).

O Subprojeto PIBID Indígena considerou a necessidade de coletar dados da alfabetização tendo como fonte os cadernos escolares (MIGNOT, 2008), procedimento metodológico identificado como pesquisa documental, que adota “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, [...]”. (GIL, 2008, p. 50). Após autorização dos responsáveis, foram fotografadas de 10 a 15 trabalhos infantis produzidos por crianças indígenas com vistas a analisar seu processo de alfabetização.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Aldeia Deolinda, está localizada na Terra Indígena Pacaas Novas em Guajará-Mirim, Rondônia. A aldeia tem o mesmo nome da esposa do primeiro morador deste lugar. Foi instalada no início dos anos 1980, possivelmente entre 1983 ou 1984 com o apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), conforme relata o bolsista do PIBID Indígena Valdeci Wajuru, na época era uma criança de 5 (cinco) ou 6 (seis) anos. A primeira família que chegou à região foi a do Senhor Mariano

Wajuru, seu pai, além do tio Manoelzinho Canoé e o cunhado Antônio Oro Não. Este território foi homologado por meio do Decreto nº 256 de 1991.

Atualmente a comunidade caracterizada como multiétnica e multilinguística é formada por cerca de 100 (cem) pessoas, organizadas em 11 (onze) famílias pertencentes a sete Povos: Wajuru, Oro Nao, Tupari, Djeoromitxi, Makurap, Canoé e Oro Eo. Em relação à utilização das línguas, a comunicação da maioria das pessoas acontece em língua Oro Nao e em português, a segunda língua de uma parte e primeira de outros, línguas também adotadas na escola. Além da língua Oro Nao, há pessoas que falam três outras línguas: a Djeoromitxi - dois falantes, Wajuru - um falante (que dialoga com falantes de outras aldeias) e a Makurap com duas pessoas que falam esta língua, além da portuguesa, considerada a língua comum.

Destacamos neste trabalho, o núcleo familiar Wajuru da Aldeia Deolinda formado por 5 (cinco) famílias, descendentes do Senhor Mariano Wajuru: Valdeci, Jeremias, Levi e Isaura, bem como Miguel aparentado do grupo. A memória dos filhos informa que como outros indígenas, o Senhor Mariano Wajuru trabalhou nos seringais do Rio Branco no atual município de Alta Floresta e depois em Guajará-Mirim. É uma história em processo de construção, pois como outros povos indígenas, os Wajuru sofreram incontáveis prejuízos com os processos de colonização, que, “[...], oscilando entre ocupações intensivas e períodos de ostracismo, deixou um saldo paradoxal: sociedades inteiras desaparecidas e sociedades cujo destino se ignora completamente”. (MEIRELES, 1991, p. 234).

O relato do bolsista aponta que seu ingresso na escola ocorreu quando tinha 7 (sete) anos em uma pequena escola de madeira. Embora estudasse na aldeia, aprendeu a ler, escrever e a contar em menos de um ano. Foi alfabetizado em língua portuguesa, que é também sua língua materna. A professora era funcionária da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), uma profissional não indígena que é lembrada com carinho e pelo jeito de trabalhar: com pintura, leitura e brincadeira.

Nessa direção a pesquisa narrativa, é importante porque valoriza a produção do memorial na formação docente, pois, “[...]. Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeitos de sua própria história”. (CUNHA, 1997, p. 5).

comportamento comum nas escolas brasileiras, também se manifesta na escola indígena [...]”. (NEVES, 2009, p. 200).

Em paralelo acontecem atividades referentes à língua indígena Oro Nao, utilizada pela maioria dos moradores da Aldeia Deolinda por meio do trabalho de listas de objetos conhecidos pelas crianças, uma prática recomendada, pois, “[...] palavras isoladas, fora de um contexto real de uso, tendem a ser logo esquecidas.[...]”. (BRASIL, 1998, p. 132).

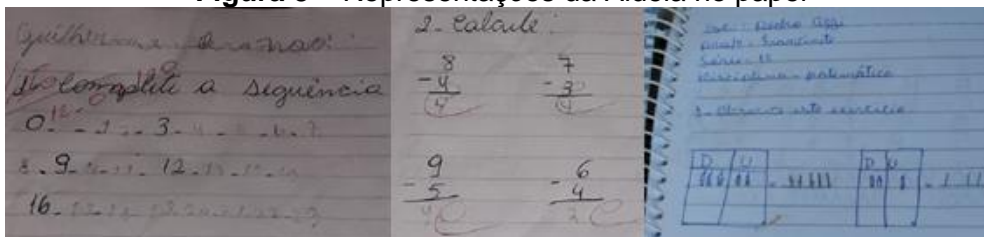
Figura 2 – Bilinguismo e Matemática



Créditos: Bolsista PIBID Indígena da T. I. Pacaas Novas

Este fator também é importante, por contribuir para que a criança possa relacionar o saber oral que já possui ao novo saber, a escrita, o que possibilita sentido ao trabalho escolar. E simultaneamente, a iniciação matemática é feita a partir da contagem periódica tendo em vista a presença dos numerais de zero a dez na parede da sala de aula. Além de contar, é solicitado cópias dos algarismos.

Há proposições relativas à compreensão da sequência numérica, conhecimento importante para o trabalho sobre antecessor e sucessor. As operações envolvendo subtração são relevantes dado a convivência com a sociedade ocidental, pois: “[...] O estudo do cálculo é considerado um dos aspectos mais importantes na área da educação matemática. Cálculos são muito úteis na resolução de problemas do cotidiano. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 174). Nesta direção, registramos também trabalhos pedagógicos sobre o sistema decimal, uma ocasião propícia para estudar o valor posicional dos números.

Figura 3 – Representações da Aldeia no papel

Créditos: Bolsista PIBID Indígena da T. I. Pacaas Novas

As atividades analisadas acerca do processo de Alfabetização Intercultural vivenciado pelas crianças indígenas da Escola Indígena Estadual Pedro Azzi, demonstram três pontos importantes: as línguas presentes na sala de aula correspondem às línguas mais faladas nas práticas sociais; os temas da alfabetização referem-se ao contexto das crianças e predomina no formato das atividades as influências das cartilhas evidenciadas pela cópia constante na maioria dos trabalhos. Mas há necessidade de discutir na comunidade e na formação docente temas como aproximar o contexto linguístico das práticas sociais da escola, principalmente, no que se refere às línguas minoritárias de Deolinda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resultou das atividades trabalhadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Neste período observamos que as experiências de aprender a ler e escrever em âmbito intercultural na Aldeia Deolinda ocorre como uma iniciação inaugural sobre a escrita. Foi possível compreender que a alfabetização na Terra Indígena Pacaas Novas, na Aldeia Deolinda envolve um conjunto de conteúdos baseados na realidade indígena, comunicados nas duas línguas - indígena e portuguesa. As atividades são materializadas através de cópias de letras, números e famílias silábicas o que sugere influência das cartilhas e redução na reflexão sobre a língua escrita, demanda para as pautas da comunidade e das agências de formação docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

MALDI, Denise. O Complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia**, Belém, v. 7, n. 2, p. 209-269, 1991.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.